



REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DE UMA RESIDENTE- PROFESSORA A PARTIR DE UMA AULA PRÁTICA SOBRE SEXUALIDADE

Bruna Dias¹, Luciana Allain¹, Telma Morais¹

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONA E MUCURI
Bruna Dias: bruna.dias@ufvjm.edu.br

RESUMO

Este trabalho refere-se ao relato da primeira autora, que é residente do subprojeto Biologia do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, sobre suas percepções a partir de uma regência sobre sexualidade realizada no 8º do ensino fundamental de uma escola estadual no município de Diamantina/MG. O planejamento foi realizado para uma sequência didática dividida em 3 momentos: o 1º momento previu uma caixa de perguntas anônimas sobre a temática, o 2º momento previa uma aula a partir das perguntas dos alunos depositadas na caixa, e o 3º momento seria uma visita técnica ao laboratório de Anatomia Humana da universidade. No decorrer da regência surgiram sentimentos de insegurança, vergonha e medo para abordar determinadas questões. Percebi que essa turbulência de emoções/sentimentos poderia ser decorrente da minha imaturidade enquanto profissional em formação, procurei orientações com a preceptora e a docente orientadora do Programa, o que mudou completamente minha visão sobre como prosseguir. Conduzi uma aula teórica utilizando uma linguagem próxima à dos estudantes, busquei não amedrontá-los quanto às Infecções Sexualmente Transmissíveis, preferindo uma abordagem de autopreservação e autocuidado. A aula prática sobre métodos contraceptivos ocorreu com total participação da turma, proporcionando muito mais segurança à minha atuação como residente/professora. Concluí que essa experiência modificou não só a mim como futura docente, mas também aos estudantes, que sentiram-se a vontade para esclarecer suas dúvidas, explicar o conteúdo na linguagem dos alunos é um ponto chave, assim como procurar apoio de outros profissionais mais experientes.

Palavras-chave: Sexualidade, programa residência pedagógica, formação de professores.

INTRODUÇÃO

Sexualidade, o que essa palavra significa? Essa palavra diz respeito a com quem o indivíduo se relaciona (UNICEF, 2023). A sexualidade, portanto, faz parte do cotidiano de todas as pessoas e mesmo assim é taxado como tabu pela sociedade.

Ao considerar sua ocorrência no dia-a-dia, no âmbito escolar, essa temática não poderia ficar de fora, visto que, este espaço é um dos mais importantes para socialização em qualquer



etapa da vida do ser humano. Por este motivo, para alcançar mudanças significativas e diminuir o número de casos de contaminados por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), e casos de gravidez não planejada na adolescência, a escola é o espaço ideal para discussão da sexualidade e todas as suas vertentes – gênero, orientação sexual, sexo, dentre outros (SOARES e MONTEIRO, 2019).

Ao entender que a escola provoca mudanças no estilo de vida das pessoas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no 8º do ensino fundamental, traz em suas habilidades não somente a parte fisiológica e morfológica do corpo, dos métodos contraceptivos e das doenças, mas também a sexualidade, o que pode ser evidenciado na habilidade “(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana - biológica, sociocultural, afetiva e ética”, (BRASIL, 2018). A partir dos problemas observados na sociedade, o Programa Residência Pedagógica, Subprojeto Biologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, tem como um de seus objetivos oportunizar “vivências transformadoras” para os residentes. Visto que a escola tem o papel de transformar a realidade das pessoas, o objetivo deste trabalho é compartilhar a experiência de uma residente, seus sentimentos, reflexões e mostrar seu processo de amadurecimento enquanto professora em formação, a partir de uma aula sobre Sexualidade com estudantes do 8º do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual no Município de Diamantina, Minas Gerais.

METODOLOGIA

Para produzir este relato consultei meu diário de bordo, o planejamento da sequência didática e o registro fotográfico das atividades. A metodologia de ensino utilizada consistiu em uma Sequência Didática (SD) dividida em três momentos. A SD é uma forma de organizar e planejar ações educativas em um formato flexível. Todo planejamento pode e deve ser modificado dependendo do contexto da sala de aula, da resposta dos alunos ao que foi apresentado (FERNANDES, ALLAIN & DIAS, 2022).

1º Momento: Utilizar o *Brainstorming*, estratégia conhecida no cotidiano docente como tempestade de ideias, com o objetivo de estimular a participação da turma. Para evitar constrangimentos, preferi realizar esse momento a partir de uma “caixa” de perguntas anônimas.

2º Momento: Aula Expositiva dialogada, baseada nas perguntas dos estudantes, utilizando como estratégia a roda de conversa, vídeos e fotografias.

3º Momento: Visita técnica ao laboratório de anatomia humana da UFVJM. Este momento do planejamento acabou sendo substituído em função das adequações que realizei ao longo da regência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor entender os resultados, dividimos essa sessão em tópicos.

O plano de aula

O plano de aula precisou ser modificado em decorrência da minha insegurança e medo para trabalhar uma temática tão polêmica quanto a sexualidade, mesmo sendo essa temática resguardada pela BNCC. Recordo-me que ao elaborar a aula em forma de *slides*, depois de ter lido todas as perguntas dos estudantes, fiquei sem saber o que abordar sobre o ato sexual e sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis. Me senti paralisada. Marquei reunião coma docente orientadora do PRP, que me orientou a Refazer o plano de aula buscando redigir, de forma clara, os meus objetivos com a regência, considerando o público alvo – 8º ano do ensino fundamental – isto é, adolescentes que estão iniciando sua vida afetiva. O que seria mais adequado enfocar para esta fase? O que não seria cabível ou interessante neste momento?

Saí da reunião feliz por ter sido orientada, fui instruída a falar abertamente e na linguagem dos estudantes, a ensiná-los a colocar a camisinha da forma correta, a não dar ênfase em fotos sobre doenças, mas sim na prevenção das mesmas. Isso para evitar que os estudantes associassem o sexo como algo ruim, o que deve ser evitado. Também foi sugerido abordar o papel da mulher na sociedade e a questão afetiva nas relações. A partir disso, o planejamento da ida ao laboratório de anatomia da universidade foi modificado para a abordagem sobre métodos contraceptivos. Com isso me senti melhor preparada para a situação, mas no fundo ainda havia a insegurança de não saber responder perguntas dos estudantes durante as aulas.

Mesmo com toda a minha insegurança e medo, minha preceptora, sempre me apoiou, me deixava mais tranquila nas conversas que tínhamos, quando dizia: “Você dá conta”, “Seu trabalho está muito bom” ou simplesmente no modo gentil de falar sobre as alterações no planejamento: “Desse jeito eu acho que fica melhor”, “Vamos tentar fazer assim”. Essa aproximação, essa gentileza e a alegria em ensinar que ela transmitia me deixava confiante.

A regência

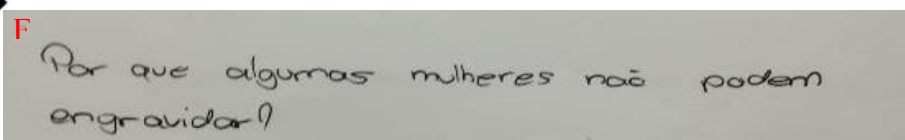
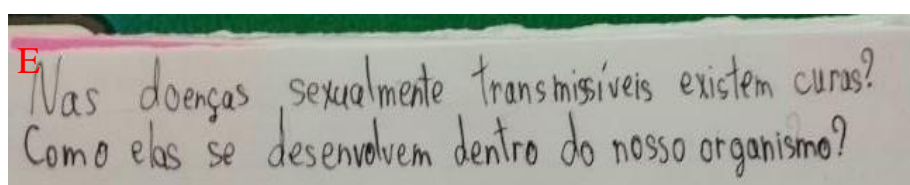
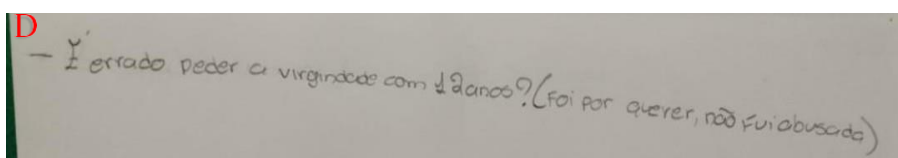
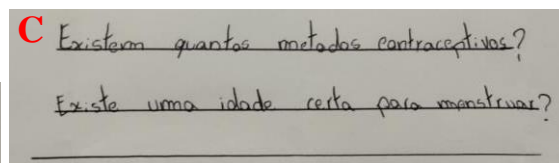
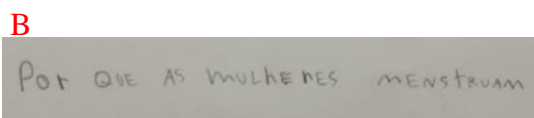
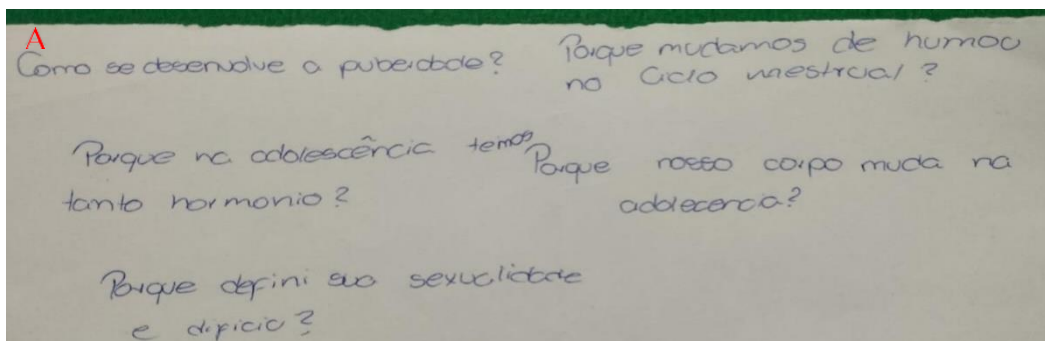
A aula se iniciou com a apresentação de um modelo de torso humano, pois não faria sentido trabalhar sexualidade sem apresentar o corpo humano, pois a matriz da sexualidade é nosso próprio corpo. Quando conheceram o torso, os estudantes ficaram encantados, me pediram para levá-lo na próxima aula.

Depois de uma breve explicação sobre o sistema reprodutor, expliquei sobre a caixa de perguntas, e coloquei tópicos no quadro (gênero, sexualidade, orientação sexual, ISTs, entre outros) e disse que poderiam perguntar sobre qualquer coisa relacionada ao corpo humano

Um trecho do meu diário de bordo ilustra minhas expectativas com a caixa: “Apesar do meu receio de não fazerem perguntas, eu fui surpreendida, lotaram a caixinha”. Esse fato me animou completamente e me deixou mais entusiasmada para prosseguir com a sequência didática.

Fizeram inúmeras perguntas e algumas foram selecionadas.

Figura 1- Questionamentos dos estudantes depositados na caixa de perguntas.





G Qual a causa da menstruação?

I métodos contraceptivos

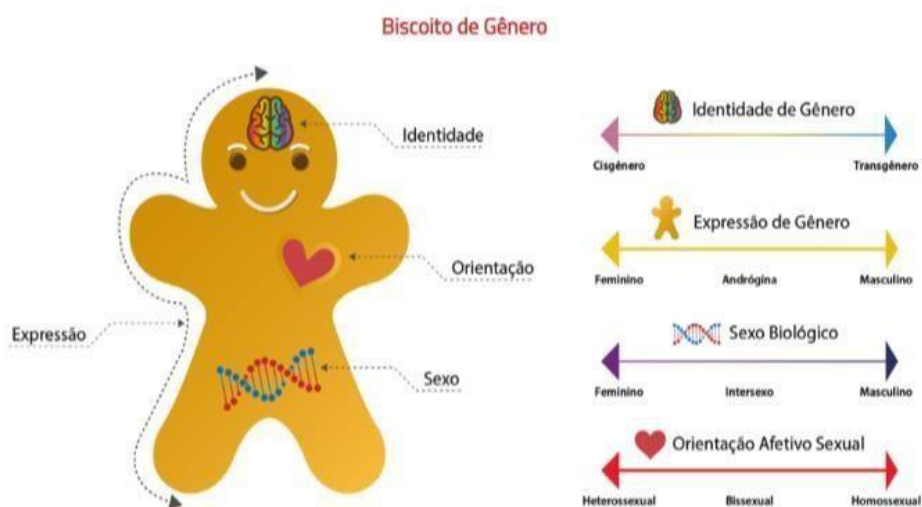
H o que é Identidade de gênero

J Duvidas:
Quando acaba os hormônios?
Quando acaba a Menstruação

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Para iniciar a aula teórica, decidi falar sobre a identidade de gênero e como suporte desenhei no quadro o biscoito do gênero (Figura 2), pois foi a maneira mais interessante que encontrei para abordar o assunto.

Figura 2 – Representação esquemática da identidade de gênero



Fonte: <https://www.multirio.rj.gov.br/media/ceds/index.php?pag=apresentacao>

Durante a aula expositiva dialogada também surgiram muitas dúvidas. Tanscrevo aqui algumas delas: “uma mulher grávida pode transar? E se ela fizer isso, engravida de outro bebê?”; “se a mulher não tem menstruação durante a gravidez, se tiver é porque tem alguma coisa errada com o bebê?”; “como é a formação dos gêmeos e dos gêmeos siameses?” Essa última pergunta eu não sabia responder e disse que na próxima aula daria a resposta. Tiveram muitas dúvidas sobre período fértil; perguntaram se a menstruação era formada nos rins; acharam que a



menstruação saía no mesmo lugar que a urina. Todas as dúvidas foram esclarecidas e no próximo dia de aula de Ciências falamos sobre masturbação masculina e feminina, foi um momento que sentiram muita vergonha. Após esse momento ocorreu uma prática sobre métodos contraceptivos.

Solicitei que dois meninos e duas meninas se voluntariassem para colocar a camisinha masculina em uma cenoura da forma que imaginavam que era correto (Figura 3). As meninas foram mais rápidas que os meninos, e os meninos que diziam já saber de tudo tiveram dificuldades até para abrir a embalagem.

Figura 3 – Aula prática sobre métodos contraceptivos – uso da camisinha masculina



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Posteriormente ensinei a colocarem de forma correta a camisinha masculina e a feminina também (Figura 4). Mencionei que caso a mulher tenha pouca lubrificação, pode aderir ao lubrificante íntimo a base de água.

Figura 4 – Aula prática, uso da camisinha feminina.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No fundo da sala alguém perguntou sobre a camisinha de sabores, e expliquei sobre o sexo oral, o que despertou muita risada e aproveitei para falar sobre candidíase.

Logo depois tivemos uma conversa sobre o absorvente interno e externo, devido a dúvidas que surgiram durante a aula teórica.

Figura 5 – Aula prática, ensinando a usar o absorvente interno e externo.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 6: Prática de absorção de sangue no absorvente interno e externo.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Os estudantes ficaram entusiasmados com a prática, muitos se dispuseram a ser voluntários, isso me deixou muito feliz e preparada para realizar essa e qualquer outra atividade prática.

Após a prática um estudante que é mais tímido disse que não precisava ficar falando disso e nem fazendo prática que estava tudo no livro, era necessário somente ler, conversamos sobre a importância de se ter esse tipo de aula prática, quem nem sempre ler no livro é o suficiente, porque surgem muitas dúvidas, mas apesar disso ele não mudou de ideia.

Em um outro momento, em outro dia, fizemos uma roda de conversa (Figura 7) e começamos a falar sobre o primeiro beijo e a “primeira vez”. Ressaltei que está tudo bem não saber como fazer as coisas, que todo mundo passa por esse momento, e que temos que ter confiança e segurança para iniciar a vida sexual. Falamos também sobre se apaixonar, rejeição, não ter os sentimentos correspondidos.

Figura 7: Roda de conversa sobre relações afetivas e afins com estudantes do 8º ano.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ao final, senti que fui adaptando as aulas ao meu jeito, construindo minha própria maneira de ser professora a partir das interações que estava tendo com os estudantes, e com isso mudei minha percepção sobre como ser professora. Durante esta formação descobri que é possível criar um vínculo, uma aproximação com os estudantes e desempenhar o meu papel de facilitador da construção de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada resultou em mudanças em mim, enquanto professora em formação, pois me sinto mais confiante em trabalhar com essa temática ou qualquer outra que possa ser complexa e difícil. Dilemas fazem parte da vida de um professor, e esta área de atuação é marcada por conflitos e contradições, seja com a comunidade escolar ou consigo mesmo. Mas, ao final, a vivência desses dilemas profissionais podem gerar mudanças significativas, impactando no desenvolvimento profissional e no crescimento individual dos

professores. Ser professor é ser constantemente desafiado, e construir sua identidade docente é experienciar as vivências estando aberto a refletir sobre elas, atingindo um estado de consciência em que é necessário rever certezas e até mesmo suas próprias ações (ALLAIN,2005).

Reconheci a necessidade de pedir ajuda de pessoas mais experientes no assunto, pois não tem nada de errado em pensar a partir de uma outra perspectiva, não saber como lidar com determinada situação. Aprendi também que construir o conhecimento científico a partir da linguagem dos estudantes é um facilitador na nossa profissão, uma vez que quando estabelecemos uma relação menos hierárquica e mais horizontal entre professor-aluno, é construído um relacionamento onde ambos conseguem se expressar livremente e o processo de ensino-aprendizagem acontece de forma significativa.

Minha experiência não foi perfeita, nem isenta de erros. Percebi posteriormente que não dei atenção às relações homoafetivas, uma vez que nossa sociedade é tão heteronormativa, perpetuei essa característica machista e arcaica das relações. Numa próxima oportunidade de trabalhar com a temática pretendo abordar esse aspecto.

A minha insegurança se deve à grande responsabilidade que temos ao nos tornarmos professores, afinal, não estou apenas ensinando Ciências e Biologia, estou auxiliando na construção de uma pessoa.

Se sentir inseguro diante de algumas situações é comum, mas quando se tem uma rede de apoio tudo se torna mais fácil. Professores devem se ajudar, queremos o mesmo objetivo, transformar a sociedade através do ensino.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES, agência de fomento do Programa Residência pedagógica por possibilitar que eu conhecesse estudantes maravilhosos e ter vivências que vão me marcar para sempre.

REFERÊNCIAS

Allain, Luciana R. Os Dilemas e a Constituição da Profissão Docente: Contribuições e Implicações. In: **Ser Professor: O Papel dos Dilemas na construção da Identidade Profissional**. Luciana Resende Allain. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: FUMEC,2005.p.133-140.

Barbosa, L. U., & Folmer, V. (2019). Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. **Revista De Educação Da Universidade Federal Do Vale Do São Francisco**, 9(19), 221–243. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>. Acesso em: 27/08/2023

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018

Fernandes, Geraldo W. R. Elaboração de Sequencias Didáticas para o Ensino de Ciências. In **Metodologias e abordagens diferenciadas em ensino de ciências**. Geraldo W. R. Fernandes, Luciana Resende Allain, Isabella Rocha Dias. São Paulo SP: Livraria da Física 2022, p.91-110.

Soares, Z. P.; Monteiro, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista** 35 (73) Jan-Feb 2019 , <https://doi.org/10.1590/0104-4060.61432> . Acesso em : 28/09/2023.

UNICEF. 2023. Gênero vs Sexualidade (unicef.org). Acesso em: 27/08/2023